

Entre a pulsão de morte e os três registros lacanianos

Giovanni Vieira de Carvalho Novelli

Universidade Federal do Paraná

<https://orcid.org/0000-0001-5477-7518>

g.novelli1996@protonmail.com

Resumo: Esse artigo visa demonstrar como o psicanalista francês Jacques Lacan delineou e reformulou o conceito freudiano de pulsão de morte no interior dos três registros da experiência humana. Dito isso, iremos inicialmente compreender de forma geral como o conceito de pulsão de morte aparece na obra lacaniana, de maneira a demonstrarmos como ela é reformulada pelo autor francês. Depois, iremos delinear como esse conceito aparece no interior dos registros do Imaginário, Simbólico e Real; desse modo, estaremos envoltos com o Estágio do Espelho desenvolvido por Lacan no decorrer dos anos 1930 e 1940, a teoria do significante fundada por nosso autor mais atentamente nos anos 1950 e por último o registro do Real, o qual foi introduzido com mais atenção a partir dos anos 1960 em diante..

Palavras-chave: Pulsão de Morte; Lacan; Psicanálise; Ontologia Negativa.

Abstract: This article would like to demonstrate how the French psychoanalyst Jacques Lacan theorized and reformulated the Freudian concept of Death Drive inside the three registers of human experience. Initially, we will comprehend generally how, in a Lacanian reading, the concept of Death Drive was conceptualized and conceived since we would like to establish how it was theorized by the French author. In addition, we going to delineate how this concept has been comprehended inside of the Imaginary, the Symbolic and the Real; furthermore, we will be wrapped with the Mirror Stage developed by Lacan during the 1930s and 1940s, the Significant Theory settled attentively

during the 1950s and the register of the Real introduced carefully during the 1960s onwards.

Keywords: Death Drive; Lacan; Psychoanalysis; Negative Ontology.

A PERSPECTIVA LACANIANA DA PULSÃO

Para os leitores da obra de Jacques Lacan, comprehende-se que ele, ao reformular aquilo que Freud havia conceitualizado como um *dualismo pulsional* entre pulsões de vida e pulsões de morte, transformou-o em um tipo de *monismo pulsional* ao se afirmar que “toda pulsão é virtualmente pulsão de morte” (LACAN, 2014, p.329). No entanto, essa afirmação possui um peso que delinea um trajeto ao qual nós devemos compreender o que levou o Lacan, com seu projeto de “retorno a Freud”,¹ apresentar. Em primeiro lugar, isso nos permite denotar uma nova perspectiva do conceito fundamental da Psicanálise e de seu aparato clínico, haja vista que Lacan foi criticado por Serge Leclaire e Jean Laplanche de que o mesmo havia, até o final dos anos 50, ignorado tal conceito que funciona como fundamento da economia psíquica (MILLER, 2005, p.68). No entanto, Lacan em questão tinha noção de que precisava reapresentar ao público esse conceito e dar corpo a suas respectivas modificações dentro de sua teoria. Nesse sentido é que ele afirma que o conceito de pulsão de morte está “no coração da noção de agressividade”, tendo, por conseguinte, que ele não poderia ignorar um conceito tão caro à Psicanálise (LACAN, 2014b, p.100).

¹ “De fato, o verdadeiro coração da apropriação de Lacan da Psicanálise, o fulcro de seu polêmico ‘Retorno a Freud’, é sua afirmação de que a verdadeira descoberta de Freud consiste na distinção entre o Ego e o sujeito [do inconsciente]” (BOOTHBY, 2014, n.p). Ou, nas palavras do autor: “O sentido de retorno a Freud é um retorno ao sentido de Freud. E o sentido do que Freud disse pode ser comunicado a qualquer um, porque (...) a descoberta de Freud questiona a verdade [do inconsciente], e não há ninguém que não seja pessoalmente afetado pela verdade.” (LACAN, 2014c, p.402)

Dito isso, o que se pode compreender a partir desse monismo pulsional empreendido por Lacan é que o “automatismo de repetição não visa nada outro que a temporalidade historicizante da experiência da transferência”, sendo a pulsão de morte aquilo que “exprime essencialmente o limite da função histórica do sujeito” (LACAN, 2014c, p.316).² O que isso, de acordo com a teoria lacaniana do sujeito, quer dizer? O que o autor francês queria era demonstrar que o processo de formação da personalidade dentro da concepção dos seus três registros da experiência está entrelaçado com a pulsão de morte, bem como de que a perspectiva de morte atrelada a tal conceito possui uma noção fundamental que possibilita a construção da personalidade. Isto quer dizer, em última instância, que o que foi modificado por Lacan não é simplesmente a noção de pulsão, mas o que se comprehende por morte nesse monismo pulsional. Se Freud compreendia que essa morte é um impulso destrutivo que possui o objetivo de um retorno ao inanimado, para Lacan a pulsão de morte está atrelada a “coerência imaginária do ego” e suas relações de alienação no interior da sua experiência (BOOTHBY, 2001, p.151).

Nesse sentido, resta-nos colocarmos algumas questões para compreendermos o processo de funcionamento da pulsão na teoria de Jacques Lacan. A primeira que nos vem com essas primeiras observações é: qual é o funcionamento da pulsão de morte no interior do campo do Imaginário? Qual é a relação dela com o âmbito do Simbólico? E como isso tem relação com o campo obscuro do Real Lacaniano? A partir desses questionamentos que tentaremos compreender como a pulsão de morte funciona entrelaçada com cada um dos registros que mapeiam a experiência

² Isso não significa afirmar que haveria um monismo pulsional involuntário que opera na teoria lacaniana, mas sim que, além de compreender que o automatismo de repetição fundamenta a historicidade do sujeito na insistência do significante, apresenta a releitura de Lacan aos textos freudianos de forma a ressaltar afirmações como: “*O princípio de prazer parece estar de fato a serviço das pulsões de morte*; contudo, ele vigia também os estímulos externos, que são avaliados como perigosos pelas duas espécies de pulsão, mas ele vigia particularmente os aumentos de estímulos vindos de dentro, que visam dificultar a tarefa de viver.” (FREUD, 2020, p.205, grifos meus)

clínica lacaniana, exatamente pelo fato de que “todo o problema é o da junção do simbolismo e do imaginário na constituição do Real” (LACAN, 1978c, S I, p.143).

Em um primeiro momento, é preciso salientar que, além de Jacques Lacan modificar o eixo da experiência clínica e compreendê-la como uma negatividade no interior do aparelho psíquico, o mesmo demonstra que “a morte procurada pela pulsão é realmente a ‘autodestruição da pessoa’, mas à condição de entendermos por *pessoa* a identidade do sujeito no interior de um universo simbólico estruturado” (SAFATLE, 2006, p.277, grifos do autor). Se queremos compreender o papel da pulsão de morte na obra de Lacan, teremos em mente que isso apenas será possível a partir do momento que observarmos atentamente o papel dos três registros lacanianos no interior desse processo. No entanto, antes de delimitarmos como se constrói tal registro, inicialmente teremos que dar conta de explicar a primeira pergunta de nosso trajeto, pois o Imaginário e a pulsão de morte possuem em seu interior uma relação próxima que desembocará na transição para o Simbólico.

A PULSÃO E O REGISTRO DO IMAGINÁRIO

O campo do Imaginário estará diretamente apoiado nos estudos de Etologia que Jacques Lacan se utiliza para fundamentar uma concepção de formalização da personalidade, tendo em mente que o denominado estágio do espelho terá seu acontecimento entre seis meses e dois anos de idade de cada indivíduo. Outrossim, tal fase do desenvolvimento estará estritamente contra qualquer concepção filosófica do *Cogito* cartesiano, exatamente pelo fato de que as preocupações lacanianas não direcionam para uma perspectiva de um sujeito uno, mas alienado dentro de sua imagem. Nesse aspecto, o que o autor gostaria de mostrar não se trata tão somente do fato de que na “base

da dialética do Imaginário primitivo”, afirma Lacan, “está em relação a apreensão a imagem do corpo próprio”, mas o que o autor tem em mente é demonstrar um processo de maturação do corpo despedaçado do Eu [Moi] que terá, em um futuro próximo, um processo de alienação de sua imagem como sustentação para “dar ao sujeito a integração de suas funções motoras” (LACAN, 1978c, S I, p.150). Nesse sentido, tal etapa histórica da *síntese* do Eu funciona como a fundação da “estrutura ontológica do mundo humano”, a qual é, nas palavras de Lacan, uma *identificação* que produz “uma transformação no sujeito, quando ele assume uma imagem” ou, melhor dizendo, uma *imago* (LACAN, 2014d, p.93). Tal *imago* é a forma na qual se acoplará a imagem do indivíduo, tendo a subsunção da mesma através dessa *imago*, sendo posteriormente nomeada como *Eu-Ideal* onde se situa a instância do Eu [Moi]. A partir disso, o que podemos afirmar é que o estágio do espelho detém, em última instância, uma “captação espacial” que visa “estabelecer uma relação do organismo com a sua realidade” (LACAN, 2014d, p.95). Desse modo, o que é apresentado não se trata tão somente uma fase histórica de formação da personalidade, mas de que tal momento da vida do ser humano se trata de um drama, o qual tem por norte o sujeito que possui uma identidade alienante com a imagem de um corpo despedaçado. Nessa perspectiva, se o estágio do espelho está diretamente atrelado a uma noção de identificação alienante que fundamenta o narcisismo a partir de um descompasso entre a minha imagem e a imagem do outro, como podemos entender o Eu [Je]? Apesar de complexo por causa da multiplicidade de conceitos, Lacan não deixa dúvidas que nessa estrutura rígida do desenvolvimento mental o nosso conhecimento do mundo é plenamente paranoico, pois no interior da nossa constituição subjetiva temos desde sempre um desenlace projetivo ao confundir a imagem do outro com a imagem de si. Esse processo de alienação fundamental é o seu substrato, bem como, a partir da formação do ego, podemos perceber que tal confusão

é, nas palavras de Lacan, “frustração em sua essência” (LACAN, 2014c, p.248). Tal colocação deixa claro o descompasso entre o ego e a maneira com que ele se porta com relação ao mundo externo. Dessa forma, se essa frustração é o que constitui o âmago do nosso imaginário, é preciso compreender que ela não é um desejo do sujeito, mas de um objeto onde seu desejo é alienado de seu gozo. Esse processo demonstra, em última instância, que o cerne do ego é onde o sujeito “levará a forma em seu discurso até a imagem passiva por onde o sujeito se faz objeto na parada do espelho” (LACAN, 2014c, p.248). Além disso, esse conhecimento paranoico – o qual é uma consequência dessa etapa do desenvolvimento psíquico - sempre deixará marcas que demonstrarão uma “discordância entre o organismo do homem e seu *Umwelt* [meio externo]”, sendo tal discrepância a “condição mesma que estende indefinidamente seu mundo e sua potência, dando aos objetos sua polivalência instrumental e sua polifonia simbólica” (LACAN, 2014b, p.110). Nesse sentido, temos então uma perspectiva de um princípio paranoico do conhecimento humano que deixará rastros no interior do aparelho psíquico, pois o desejo de reconhecimento com relação ao *Eu-Ideal* que opera no interior dessa estrutura estará ligado à sua imagem do espelho. Outrossim, é importante ressaltar que a energética freudiana não desapareceu totalmente, pois o que vemos no estágio do espelho é que “a libido surge como produto da discordância radical que há entre o corpo fragmentado da criança e a imagem unificadora” (NASIO, 2012, p.12). Tal energia que circunda essa etapa do desenvolvimento psíquico é o que determinará a alienação libidinal desse processo e a agressividade intrínseca do Imaginário. Se o que era antes, nas palavras de Freud, energia ligada como cerne dos processos psíquicos da consciência e energia desligada como campo da libido e das pulsões, em Lacan veremos que a energética libidinal é o resultado do estágio do espelho, a qual que se apresenta como frustração e agressividade intrínseca as relações de objeto.

Dito isso, nem tudo foi esclarecido dentro do nosso trajeto. A pulsão não é nomeada explicitamente por Jacques Lacan ao se referir ao Imaginário, mas o mesmo deixa explícito que essa noção de corpo despedaçado no interior desse registro não é algo aleatório. Nesse sentido, se Lacan disse que o conceito de pulsão de morte está no coração da noção de agressividade, então podemos deduzir o primeiro da afirmação que “o corpo despedaçado (...) se mostra regularmente nos sonhos, quando a moção da análise toca um certo nível de *desintegração agressiva* do indivíduo” (LACAN, 2014d, p.96, grifos meus). Partindo disso, podemos afirmar que esse despedaçamento, essa quebra presente no imaginário primitivo do sujeito é onde toca a pulsão de morte. É lá onde percebemos, através dessa desintegração agressiva, que toda pulsão é virtualmente pulsão de morte por um motivo muito claro: “se trata da relação do sujeito com o que há de irredutivelmente negativo e opaco, no interior do si mesmo”, o qual se manifesta “como raiz do caráter pré-subjetivo do objeto da pulsão”, sendo a partir disso que “o corpo aparece como espaço do negativo” (SAFATLE, 2006, p.280). Essa negatividade onde opera a pulsão de morte é também o local onde podemos identificar, “no registro da vida”, diz Lacan, uma “vida decomposta, despedaçada, doente, que é em parte fora da vida” e que o ser humano “participa do instinto de morte, [sendo] somente nele que se pode abordar esse registro da vida” (LACAN, 1978b, S II, p.132). Isso significa dizer que aquilo que a princípio é visto pela teoria freudiana como um retorno ao inorgânico, estará colocado na teoria lacaniana do imaginário como pilar da vida e de sua própria historicidade.³ Se a pulsão de morte está presente nessa

³ “A principal utilidade da teoria do estágio do espelho foi permitir a Lacan uma nova abordagem da agressividade. Mas esta acabou convertendo-se num fator inerente a todo contato inter- humano (isto é, intersubjetivo), naquilo que ele deve ao modo imaginário: a relação com o outro, submersa desde a origem num narcisismo que, no limite, arrasta ao apagamento da identidade subjetiva, é marcada pelo ódio, que responde aí como que a uma necessidade de sobrevivência psíquica. Longe de ser uma contingência social, a agressividade é uma consequência do processo mesmo de constituição do sujeito, que cobra em alienação o preço para compensar a inadequação vital. Daí que Lacan possa ver na pulsão de morte freudiana um conceito - equívoco, é verdade - capaz de dar conta do caráter universal da destrutividade no que tange ao homem, de modo que vale e pena substituí-lo, sem dor de

desintegração agressiva do imaginário primitivo, então essa opacidade, essas estruturações pré-verbais, esse caráter pré-subjetivo que se apresenta no interior do estágio do espelho é o que demonstra o espaço libidinal do negativo que posteriormente dará corpo a nossa “gaiola do narcisismo”. É isso que possibilita compreendermos que “a realidade da experiência psicanalítica fica frequentemente velada sob formas negativas” (LACAN, 2014c, p.307).

No entanto, nossos problemas não acabam por aqui. Se a pulsão possui esse caráter de desintegração agressiva da imagem corporal que está “fora da vida”, onde ela se localiza? Ela não está colocada “simplesmente como uma força biológica, mas no caráter alienante do ego, [n]a *distância* entre força biológica e estrutura psíquica que coloca em movimento o obscuro impulso em direção a autoimolação” (BOOTHBY, 2001, p.151, grifos do autor). Todavia, tal caráter destrutivo da pulsão de morte que está *para além* da representação não estará presente no campo simbólico e é isso que as colocações acima deixam aparente. Tais zonas de sombra que se apresentam como negatividade é que demonstrarão uma certa ironia do conceito fundamental da psicanálise, exatamente pelo fato de que, a partir de tal noção, temos

“(...) dois termos contrários: o instinto com efeito em sua acepção mais compreensiva é a lei que rege em sua sucessão um ciclo comportamental para realização de uma função vital, e a morte aparece desde logo como a destruição da vida.” (LACAN, 2014c, p.315)

Partindo disso é que podemos afirmar que essa pulsão é em si mesma uma fonte potencial da autodissolução da vida ao mesmo tempo que é identificada a motricidade. O problema maior, afirma Lacan, é “saber qual morte, aquela que porta a vida ou aquela que a porta” (LACAN, 2014e,

consciência, por sua própria teoria, mais afim com as exigências de uma ‘ciência do homem’” (SIMANKE, 2002, p.329-330, grifos meus)

p.290). É então a partir dessas colocações que a colocação de Lacan, aparentemente paradoxal, que “a morte sustenta a vida” pode ser entendida (LACAN, 2014e, p.282). Ela sustenta a vida porque nesse lugar onde a negatividade age, onde o corpo despedaçado se apresenta, onde a linguagem escapa e o ponto-pivô da existência toma corpo é onde aparece o desejo do sujeito lacaniano. Se trata de afirmar que a maneira que Lacan lê a pulsão de morte é, a princípio, “uma mítica expressão do puro desejo, dos efeitos produzidos na estrutura psíquica por forças vitais que permanecem ativas e se empenham além dos limites da representação” (BOOTHBY, 2014, n.p). Nesse aspecto, se a mitologia da Psicanálise determina o limite da função histórica do sujeito como morte, então a mesma tem em seu interior um sujeito que aparece como “possibilidade absolutamente própria, incondicional, indispensável, certa e como tal indeterminada” que, através do automatismo da repetição, vemos a historicidade que fundamenta esse sujeito (LACAN, 2014c, p.316). Partindo dessa força mítica é que entenderemos o surgimento do campo simbólico no interior desse processo, porque “o significante como tal, barrando por intenção primeira o sujeito, nele fez *penetrar o sentido da morte*” (LACAN, 2014^a, p.328, grifos meus). Mas essa morte, essa força do negativo que porta cada ser humano diz respeito a manifestação da sexualidade e a sua estrutura fronteiriça que dá corpo ao desejo, esse desejo é o do sujeito inconsciente que somente pode ser captado indiretamente pela fala e sua linguagem.

Agora teremos que nos perguntar o seguinte: se no espaço opaco onde temos a imagem corpo despedaçado é fora da representação e é onde surge a pulsão de morte, como e por que o simbólico se apresenta? Se a corporificação dos significantes nesse lugar do desejo é o que faz “penetrar o sentido da morte”, isso significaria dizer que essa negatividade da mesma é o motor do campo simbólico?

A PULSÃO E O REGISTRO DO SIMBÓLICO

Os leitores da obra de Jacques Lacan compreendem desde o início que há uma ruptura entre ele e Freud, pois o último utilizou fundamentalmente da Biologia de sua época para compreender os processos psíquicos do ser humano e suas respectivas problemáticas levantadas por tais perspectivas teóricas. No entanto, o que vemos em Lacan é um papel bem diferente desse panorama, pois o mesmo se utiliza da linguística estrutural de Saussure, da obra de Roman Jakobson e da antropologia de Claude Lévi-Strauss para dar conta de sustentar a sua primazia do significante no interior do campo psicanalítico e a dessexualização dos processos psíquicos. Nesse sentido, o que Lacan tinha em mente era demonstrar que a linguagem, de acordo com a tradição do estruturalismo, possuía uma função primordial dentro do ser humano no sentido de que seu objetivo, na Psicanálise, era de evocar a resposta do outro (LACAN, 2014c, p.297). Isso significa dizer que a maneira com a qual é compreendida a linguagem é através de uma dinâmica intersubjetiva que circunda o ser humano e seu respectivo desejo, dentro da qual a análise tem por objetivo reconhecer e dar voz a esse outro que habita dentro de mim mesmo. Se a fala é aquilo que sustenta a existência do Outro como campo da linguagem, é porque a relação que o Eu possui com o mundo é sempre mediada por um tipo de conexão intrínseca que nos faz perceber que o mesmo habita esse Outro. Nesse aspecto, temos então uma ambiguidade presente no interior dos processos simbólicos permeados pelos significantes, pois vemos neles uma “linguagem que é feita para remetermos de volta ao outro objetivado” e que permite demonstrar que “o sujeito não sabe o que diz (...) porque ele não sabe o que é” (LACAN, 1978b, S II, 358-359). Isso nos lembra o dito famoso de Sigmund Freud quando o mesmo afirma em uma de suas conferências o “*Wo Es war, soll Ich werden*” (Ali onde Sujeito estava, o Eu deve advir), pois o que percebemos é uma dinâmica subjetiva que se fundamenta a partir de um *descentramento*, isto é, de que o

ponto-pivô que sustenta a nossa relação com a linguagem é atrelada a uma inadequação desse outro que habita em mim e não é reconhecido e negado. Em outras palavras, “não se trata de saber se eu falo de mim de forma conforme a isso que sou, mas se, quando eu falo, eu sou o mesmo que aquele que fala” (LACAN, 2014f, p.514). Dessa forma é que podemos compreender que, no interior do nosso aparelho psíquico, temos um problema amarrado a uma discordância ao sujeito falante e a sua *imago*, pois “há um conflito entre as demandas do ego narcísico formado pelo estágio do espelho (...) e os recursos do sistema simbólico, o qual é circunscrito o desejo inconsciente do sujeito” (BOOTHBY, 2001, p.83). Esse conflito apenas existe porque percebemos a inter-relação entre o campo do imaginário e o do simbólico a partir de uma dinâmica descompassada em que um influencia o outro nesse jogo de forças da psiquê. Tal jogo presente no seu interior ocorre porque o Eu, “como imagem, está preso na cadeia dos símbolos” (LACAN, 1978b, S II, p.301). Tal relação dialética é o que permite compreendermos esse descentramento intersubjetivo que baliza as relações da Psicanálise com seus respectivos fundamentos, isto é, a fala e o muro da linguagem. É nele que o sujeito não sabe o que diz ao mesmo tempo que se enxerga na imagem especular completamente ficcional.

Entretanto, tal muro possui algumas especificidades que precisamos ressaltar. Se, de acordo com Lacan, a descoberta da Psicanálise diz respeito a reintegração do campo do sentido na ciência, então devemos nos atentar ao fato que o nosso autor entendia pelo termo “linguagem”, tendo por norte as perspectivas de Ferdinand de Saussure como bússola da nossa compreensão. Tal linguista suíço, em seu famoso *Curso de Linguística Geral*, deixa claro que a nossa linguagem é fundamentada a partir de signos, onde temos em seu interior um componente significante (também denominado de imagem acústica) que interliga o mesmo com seu respectivo significado, o qual funciona como componente mental de tal palavra e que possui uma *relação*

arbitrária e *não necessária* com sua imagem acústica. Essa aleatoriedade não passará batido por Jacques Lacan, pois o que ele pretende insistir é que ela, na relação significante-significado, não possui “uma correspondência entre eles e ainda menos entre o significante e a ‘coisa’ referida” (MULLER, JOHN P.; RICHARDSON, 1994, p.162). Se isso for verdade, terá consequências extremas para o entendimento do que é a linguagem e seus significantes, pois isso quer dizer que “todo verdadeiro significante é, enquanto tal, um significante que não significa nada” (LACAN, 1978d, S III, p.304). Nesse sentido, tendo por entendimento essa contingência da linguagem e seu movimento, Lacan deixa claro que há três características que o significante possui no interior do registro simbólico, (1) tendo em sua fórmula geral a *primazia* da função significante partindo acima da barra para poder determinar a significação, (2) o Outro da linguagem, o campo dos significantes, é necessariamente um conjunto articulado e reduzido a estruturas diferenciais últimas, (3) as quais são determinadas a partir de leis de uma ordem fechada que demonstram um *deslizamento ininterrupto* do significado sob o significante, apresentando assim o caráter distorcido daquilo que se diz e daquilo que se quer dizer. São esses pontos que permitem nosso autor afirmar que “é no canal significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum desses elementos do canal *consiste* na significação” (LACAN, 2014f, p.499, grifos do autor). Se o significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante, o que fica claro é que a cadeia significante determina o deslizamento do sujeito e sua verdade na sua significação.⁴

Porém, essa perspectiva lacaniana da linguagem e suas raízes na linguística estrutural não acabam por aqui. Nossa psicanalista prossegue sua

⁴ “A função de ‘significar totalmente outra coisa’ não obedece ao modelo do ‘disfarce’ *a não ser para disfarçar nada*’, uma ausência, de acordo com um processo ‘totalmente outro’ que é o de uma alteridade e de uma alteração indefinidamente reconduzidas ao longo de uma cadeia significante. O ‘totalmente outro’ é a própria palavra, isto é, *a verdade*.” (LACOUE-LABARTE, PHILIPPE; NANCY, 1991, p.77, grifos meus e do autor)

análise ao ressaltar que no interior dos processos inconscientes e no seu entrechoque com a consciência a linguagem se apresenta a partir de dois lados da mesma moeda: de um demonstra a forma *metonímica* e de outro a *metáforica*. A primeira diz respeito a uma dinâmica de significação *sincrônica* que quer *explicitar algo completamente diferente daquilo que é dito* em sua conexão palavra a palavra. No segundo caso, de outra forma, a metáfora é vista por Lacan como uma lógica *diacrônica* que age na *substituição de uma palavra por outra*. Tais considerações a respeito da linguagem nos fazem perceber algo de oculto no interior desses processos, pois, se o canal significante é onde está a nossa fala – isto é, a metáfora –, a metonímia está localizada aonde? Essa ausência se dá porque “a metáfora se coloca no ponto preciso em que o sentido se produz no não-sentido” (LACAN, 2014f, p.505, grifos meus). Ela se produz no não- sentido porque o significante, em seu paradoxo da determinação a partir da diferença, não possui significado próprio, pois tudo é colocado a partir da barra que separa os dois processos e resiste à simbolização. Ou seja, lá onde a linguagem não chega, em seu ponto de basta, em seu caráter mais oculto e desvinculado de todo e qualquer significante, possuímos o surgimento do sentido delegado ao Outro da linguagem.⁵ Se há algo que podemos abstrair desse ponto de vista explicitado por Lacan, é que as “substituições metafóricas trazem uma virtual transubstanciação, colocando uma equivalência entre dessemelhantes. As metonímias são meramente a troca de foco posicional através do campo da experiência” (BOOTHBY, 2001, p.130). Desse modo, poderemos então vislumbrar o fato de que o significante, além de sua primazia adicionada por Jacques Lacan, é, na Psicanálise, articulado e analisado no discurso como operador das cadeias de significação. Isso significa dizer que independentemente de o significante ter um conteúdo vazio, o mesmo

⁵ “Não é mais a outra face do signo em relação ao significado e só existindo nesta associação, *mas esta ordem do espaçamento segundo a qual é inscrita, marca-se a lei como diferença*. Ou, até, como vemos agora, que é preciso nomeá-lo, *este buraco estrutural* segundo o qual é marcada a lei como diferença.” (LACOUE-LABARTE, PHILIPPE; NANCY, 1991, p.54, grifos do autor e grifos meus)

continuará representando um sujeito para outros significantes da cadeia, demonstrando seu paradoxo e sua inadequação através de um jogo de *presença e ausência*.⁶

Todavia, há algumas considerações a serem feitas. Como havíamos comentado anteriormente, essa interrelação feita entre metáfora e metonímia é aquilo que estrutura o campo da linguagem e permite nosso autor afirmar que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1978d, S III, p.26). Nesse sentido, são essas duas faces do registro simbólico que dão forma ao descompasso entre o sujeito inconsciente e o ego. No entanto, o que não explicamos é como o ser humano é mergulhado nesse tesouro de significantes e porquê. Nesse sentido, tal problemática se resolve quando nos atentamos com a maneira como os símbolos envelopam a vida do homem, pois, nas palavras de Lacan, eles partem de uma *identificação simbólica* com o *Nome do Pai* (*Nom du Père*) que “nos faz reconhecer o suporte da função simbólica que (...) identifica a pessoa a figura da lei” (LACAN, 2014c, p.276). Em outras palavras, esse significante primordial da castração “é ele mesmo o suporte do canal significante, de ordem instaurada pelo canal significante”, sendo ele, afirma Lacan, o único lugar “que essa metáfora se estabelece, metáfora do desejo primitivo, do desejo opaco” (LACAN, 1978e, p.556). Entretanto, apenas podemos compreender esse significante primordial a partir do momento que entendemos que ele é a “lei [que] não permite mais ao sujeito realizar sua sexualidade senão no plano simbólico” (LACAN, 1978c, S I, p.277). Dessa forma, a partir dessa identificação simbólica com o significante primordial da castração e da lei simbólica é que o indivíduo se vê amarrado a estrutura da linguagem, preso e entrelaçado ao nó que o Outro

⁶ “Desse ponto de vista, significação linguística é caracterizada por um tipo especial de contínua troca de presença e ausência. A função do significante, o verdadeiro batimento cardíaco da significação, é ligada a uma constante oscilação de aparecimento e desaparecimento, uma formação contínua e demolição das imagens perceptivas. É essa oscilação que distingue o significante linguístico dos contornos relativamente duradouros das formas imaginárias e inaugurar um processo simbólico novo e próprio.” (BOOTHBY, 2001, p.91)

circunscreve nesse sujeito que não tem voz e que se enxerga no espelho de maneira ilusória. É por isso que o indivíduo terá sempre um Outro a se submeter e ser seu servo. Sua determinação enquanto da ordem do sexual estará obrigatoriamente atrelada ao Nome-do-Pai e sua intrínseca relação de diferenciação que produz a cadeia simbólica.⁷

Dito isso, se essa identificação com o Nome-do-Pai é o que nos coloca no interior dos processos intersubjetivos com o Outro da linguagem, é preciso ressaltar que tal processo somente é possível através da “palavra que é já uma *presença feita ausência*” (LACAN, 2014c, p.274, grifos meus). Ou seja, a própria lógica do processo de introjeção da linguagem na criança é através de uma certa ausência colocada na relação da criança com seu objeto de desejo. É essa sutura que esse significante primordial detém por função além de *ocultar a necessidade biológica*. Nesse aspecto, podemos aqui invocar o jogo do *Fort!Da!* que Freud observa em seu neto ao se deparar com seus “jogos de ocultação”, pois vemos nesse exemplo do *Além do Princípio do Prazer* não apenas um ato aleatório, mas o fato de que a criança administra a ausência da mãe através de um embrionário exercício da fala, na qual é o surgimento do símbolo na criança. Entretanto, Freud buscava explicar esse processo através de uma repetição de um masoquismo primordial que funcionava no interior desse jogo, algo que Jacques Lacan discorda. Mas sua divergência ganha corpo no momento em que ele percebe que essa ruptura com o objeto de desejo da criança - a mãe - se trata de uma experiência de sofrimento e de desintegração de um laço primário que resulta no mergulho do neto de Freud na linguagem. Porém, tal acontecimento é interpretado como uma experiência de sofrimento que mata a Coisa, ocasionando o ocultamento da pura necessidade biológica e, através “dessa morte”, escreve Lacan, “constitui

⁷ “Cada inscrição (ou cada lugar) é a exclusão da outra. Desta forma, cada vez, a escolha realizada acaba sendo aquela do sexo oposto. E é isto que Lacan relaciona imediatamente com a castração (o buraco, o centro radiante) e lê como sendo sua inscrição (mas com a condição de pensar a própria castração como relacionada em última instância (...) com o buraco do significante)” (LACOUE- LABARTHE, PHILIPPE; NANCY, 1991, p.53)

no sujeito a eternização de seu desejo” (LACAN, 2014c, p.317). O que é preciso reter, nesse aspecto, “é o fato que essa primeira experiência da separação/limite/morte é também o momento no qual ‘desejo se torna humano’”, ou seja, que em tal momento “a criança experiencia [o] ‘desejo’ como distinto da ‘necessidade’ que caracterizou a quase-simbiótica ligação com a mãe” (MULLER, JOHN P.; RICHARDSON, 1994, p.93). Essa segunda morte é o que define, além de uma vida alienada do mesmo, uma existência “conjugada à morte” e, afirma Lacan, que “sempre retorna à morte” (LACAN, 1978b, S II, p.339). Mas esse retorno estará atrelado a um desenvolvimento que é colocado então em três etapas: o Imaginário demonstrará a alienação da imagem do indivíduo com o *Eu-Ideal* e sua necessidade biológica; o Simbólico deixará claro o processo de identificação com o significante primordial da castração que mergulha o indivíduo na linguagem mediante a demanda de amor pelo Outro (figuras parentais) e sua relação metafórica; e por último o desejo do inconsciente como colocado no campo da indeterminação e do Real. Esses três processos, de uma maneira ou de outra, detém a morte atrelada ao seu modelo de manifestação ou indeterminação.

No entanto, essa perspectiva da morte e da constituição do desejo no interior do registro do simbólico e sua inter-relação com o imaginário ainda não ficou clara o suficiente. Se, como dissemos acima, temos essa conexão entre os dois campos através do conceito de desejo como falta, onde propriamente ele se localiza? E além disso, o que todos esses processos da linguagem tem a ver com o inconsciente? E quais são suas relações com o conceito de pulsão de morte? Para responder essas objeções, precisamos primeiro tomar nota de uma colocação chave de Jacques Lacan em um de seus seminários, pois nela ele afirma que

“É preciso supor nele [no homem] há uma certa hiância biológica, aquela que tento definir quando lhes falo do estágio do espelho. A captação total do desejo, da atenção, já pressupõe a falta. A falta já está aí quando falo do desejo do sujeito humano no que se refere à sua imagem, quando falo desta relação imaginária extremamente geral que se denomina narcisismo.” (LACAN, 1978b, S II, p.475, grifos meus)

Se compreendemos, a partir dessa afirmação, que a falta do desejo humano já está presente desde o imaginário, então tal processo é colocado na subjetividade do indivíduo desde antes da identificação simbólica com o significante primordial da castração. Além disso, é também preciso ressaltar novamente o fato que os desejos da criança se alienam no outro especular, tendo nesse lugar “o aprendizado da ordem simbólica [a qual] acede ao seu fundamento, que é a lei” (LACAN, 1978b, S II, p.295). Se isso for verdade, então fica claro que “a função da fala enquanto função de reconhecimento, [funciona] enquanto dimensão por onde o desejo do sujeito é autenticamente integrado sob o plano do simbólico” (LACAN, 1978b, S II, p.302, grifos meus). Por mais que essa falta constitutiva do desejo já esteja de antemão na imagem, é somente a partir do registro do simbólico que é possível agregá-lo a linguagem e abolir a necessidade biológica presente no imaginário primitivo. A partir disso, podemos dizer que o simbólico “reveia a si mesmo como a capacidade de passar para além da alienação do imaginário e representar o real”, sendo que as “funções simbólicas dão ao desejo um nome no sentido de dar forma a uma dimensão inarticulada que está para além do ego” (BOOTHBY, 2014, n.p). Desse modo, o sujeito falante possui uma função desafiadora ao ego e que pode contribuir para *negar* o Imaginário em prol do surgimento desse desejo. E é possível afirmar essa função de oposição e/ou negação quando compreendemos que esse ego narcísico “opera somente por cobrir o deslocamento que é sujeito, de uma resistência essencial ao discurso como tal” (LACAN, 2014f, p.518, grifos meus). Se esse Eu narcísico que está preso na linguagem possui tal função, é porque percebemos que “o sujeito que era

antes dos jogos em série da fala (...) é *encontrado na morte, onde a sua existência apreende tudo que ela tem de sentido*” (LACAN, 2014c, p.318, grifos meus). Isso significa dizer que a morte que está para além do campo do simbólico e de suas respectivas manifestações no deslizamento significante é o que determina o sujeito a repetir algo que é de natureza mortal.⁸ A morte que pulsa em seu interior define seu destino, sendo que sua posição subjetiva é algo que está colocado como *ponto de basta* da linguagem, pois onde ele se localiza, o significante está ausente. É isso nos leva novamente a temática da pulsão de morte, pois

“Ela [a saída masoquista] se situa no ponto de junção entre o imaginário e o simbólico. É nesse ponto de junção que se situa, na sua forma fundamental, estruturante, o que geralmente se chama masoquismo primordial. É aí que é preciso situar a manifestação do que se chama instinto de morte, que é constituinte da posição fundamental do sujeito humano” (LACAN, 1978b, S II, p.285, grifos meus)

A partir disso, vemos que é a pulsão de morte que é constituinte do sujeito e que a mesma se manifesta em tal intersecção (mas que não habita tal lugar). Se, como dissemos anteriormente, tal pulsão é o que determina a história e o destino do indivíduo, é porque houve uma mudança de perspectiva com relação a Freud. O sujeito dito lacaniano não é visto como alguém que está subordinado a uma compulsão à repetição que se manifesta no interior da vida do ser humano e que esse algo que se repete é o conteúdo traumático da pulsão de morte. Antes, Lacan tenta estabelecer uma centralidade da pulsão de morte como interior a uma “lógica de inadequação” da linguagem e seus significantes. Tal inconformidade se manifesta na sua teoria quando vemos o corpo despedaçado do imaginário primitivo como espaço do negativo, na tentativa de destruição da imagem especular, no surgimento do desejo através da ‘morte da mãe’, através da

⁸ “A existência do significante não está ligada à outra coisa senão ao fato, pois isso é um fato, o discurso existe, e é introduzido no mundo *sobre um fundo, mais ou menos conhecido ou desconhecido*, o qual é curioso, mesmo assim, que Freud tenha sido levado pela experiência analítica a poder apenas caracterizá-lo dizendo que o *significante funciona sobre o fundo de uma certa experiência da morte, experiência que não tem nada a ver com o que quer que seja de vivido*” (LACAN, 1978g, S IV, p.50).

palavra e a determinação do sentido através do não-sentido no campo dos significantes. Esses fenômenos escapam a toda determinação simbólica e deixam claro que nosso autor “vincula o significante não a um problema de denotação de objetos, mas de *satisfação da pulsão*, como se os usos da linguagem estivessem *todos subordinados a interesses práticos de satisfação*” (SAFATLE, 2007, p.173, grifos meus). Isso significa dizer que aquilo que determina os sujeitos, seus processos simbólicos e suas relações humanas é a pulsão de morte enquanto busca pela satisfação que insiste, nesse caso, *em não dizer seu nome*. Seu nome estará colocado do lado de fora da representação e que ao mesmo tempo poderá dar conta de historicizar a vida através da morte,⁹ tendo uma relação colocada através de uma dialética da negatividade e que não está submetido ao princípio de identidade. A negatividade da pulsão de morte, enquanto agente catalisador do ser humano, permite nos atentar ao fato de que, se a nossa subjetividade não está do lado daquele que fala e que está ausente no Outro, “é [porque] a instância da subjetividade como presente no real [é] que é o motor essencial que faz com que falemos algo de novo” (LACAN, 1978c, S I, p.306). Se isso for verdade, significa dizer que o poder movente que determina as nossas ações é indicado por um caminho obscuro que estará atrelado a um funcionamento metonímico da linguagem¹⁰ e que nos perceber “o real [é] em sua incidência dialética como originalmente indesejável, e compreender como é assim que ele se encontra

⁹ “O que está se formulando aqui, em outras palavras, é o modo como o simbólico e o imaginário contribuem para o surgimento daquilo que Lacan chamou de conhecimento paranoico, que se caracterizava por atribuir permanência às Gestalten [imagens] perfeitamente evanescentes da percepção. *Essa tendência generalizada de todas as coisas a desaparecerem no vórtex da transformação contínua que esse ser histórico, que é o homem, impõe ao seu mundo* é justamente o sentido que vai adquirir, sob a pena de Lacan, o conceito de *pulsão de morte*, que em Freud emergia de uma tendência inerente a toda matéria viva.” (SIMANKE, 2002, p.521, grifos meus)

¹⁰ “A metonímia se torna, para dizê-lo em termos ultra filosóficos, a condição transcendental do novo sujeito barrado do inconsciente. Ela garante a possibilidade do *logion-chave*: ‘um significante é o que representa o sujeito para outro significante’, de tal modo que, de forma muito mais simples, ‘o sujeito não é nada além [...] daquilo que desliza numa cadeia de significantes’. Ora, esse processo que liga um significante numa cadeia é, ou se confunde com o curso do tempo no diz-curso. Compreende-se que a ‘coordenação significante’, que é a metonímia, seja prévia e necessária para que possam advir as ‘transferências de significado’, que são as metáforas: ‘Não haveria metáfora se não houvesse a metonímia.’” (CASSIN, 2017, p.157, grifos meus)

mais cúmplice da pulsão no sujeito” (LACAN, 1978e, S XI, p.79). Se o campo do famoso Real lacaniano é o cúmplice da pulsão, então precisaremos dar conta de compreender os processos subjetivos fora da linguagem e que nos apresenta como traumáticos. Se é nesse local que a pulsão habita e é nesse lugar que ocorre a cumplicidade que anima o sujeito, então podemos perceber que, como sempre ocorre, o cânone do negativo não estaria tão distante do positivo. E é nesse lugar que pretendemos nos direcionar agora.

A PULSÃO E O REGISTRO DO REAL

Como falamos anteriormente, a pulsão de morte está diretamente atrelada a uma inadequação com relação ao Outro simbólico ao mesmo tempo que esse último é o instrumento da satisfação pulsional. Isso só é possível porque há dois tipos de dissolução “que ligam a função simbólica a morte - o signo implica tanto o *assassinato da ‘coisa’ e a morte de sua própria imagem* [especular] - ambos se desdobram sobre o fato da ordem simbólica constituir um sistema” (BOOTHBY, 2001, p.156, grifos meus). Deste modo, se o sentido do “retorno a Freud” feito por Jacques Lacan diz respeito ao questionamento da verdade mítica¹¹ e reconhecimento do desejo do sujeito do inconsciente, então é porque ele é historicizado através da pulsão de morte no interior dos processos psíquicos que são atrelados ao Outro da linguagem, mas que *não podem ser nomeados*. Isso significa dizer que “a verdade [do sujeito do inconsciente] não passa pelo pensamento” pois ela é “uma coisa estranha” a tal regime de simbolização (LACAN, 2014g, p.408). E é aí que está colocado o umbigo do sonho freudiano, ou, em termos lacanianos, o campo do Real como impossível. Esse elemento traumático é a própria morte da identidade do ego narcísico e que fundou o desejo na sua imersão no Outro da linguagem. Se o Real é o maior cúmplice da pulsão, é porque

¹¹ Ver a esse respeito Lacan (1975).

ambos estarão atrelados a um regime de inadequação que historiciza a linguagem e determina a vida do indivíduo, ao mesmo tempo que apresentam sua impossibilidade enquanto *impasse do processo de simbolização*. Desse modo, tal impasse se trata de apresentar um tipo de regime de verdade no interior do campo da linguagem enquanto uma contradição imanente a própria atividade da fala. Tal elemento diz respeito ao desejo do inconsciente que se apresenta de dupla forma: de um lado, temos ela colocada como a manifestação do sujeito do inconsciente através do *point de capiton*,¹² ou seja, ponto de basta da linguagem; de outro lado, temos a instituição da realidade como tendo uma “estrutura de ficção” (LACAN, 2014e, p.288). Sendo assim, podemos compreender uma oposição feita por Lacan entre o Real e a realidade, pois essa última estará atrelada a um conhecimento paranoico aprisionado a um regime de alienação ao *Eu-Ideal*, além dela apresentar o paradoxo do significante enquanto uma ausência de sentido que produz a linguagem.¹³ São esses pontos que nos permitem compreender o Real como aquilo onde tudo acontece mediante a ausência de linguagem e que *não cessa de não se inscrever*. O neurótico é aquele que estará sempre, através dos seus laços fantasmáticos com a realidade ficcional, tentando inscrever esse furo e que lhe causa desconforto. Outrossim, se esse registro está colocado como a sombra que acompanha a existência do Eu, é porque “o desconhecimento da ordem simbólica, que não passaria de uma espécie de revestimento e de pretexto recobrindo algo de mais fundamental” (LACAN, 1978g, S IV, p.73-74). Como dissemos anteriormente, esse algo que está oculto é a verdade do desejo no interior do processo metonímico apresentado por detrás do discurso do analisando. Essa *verdade que é o próprio desejo não tem voz, mas fala*. Ela mesma se manifesta no sintoma como aquilo que é improferível

¹² Maneira lacaniana de se referir ao processo que “o significante interrompe o deslizamento indefinido da significação [no interior da fala]” (LACAN, 2014e, p.285)

¹³ “Ora, para Lacan e para a tradição na qual ele havia se formado até então, tratava-se justamente de pensar o real como discordância da experiência, o real da falta de analogia com a percepção real.” (DUNKER, 2016, p.248, grifos meus)

e revela uma negatividade que age e é imanente ao sofrimento. Se o sintoma é uma metáfora, é porque ela mesma se liga “a questão do ser e a metonímia a sua falta” (LACAN, 2014f, p.526). O que está oculto aos significantes é que demonstra como e onde está o sujeito em seu deslocamento entre ausência e presença. É aí que está colocado esse impossível que Lacan apresenta no momento que barra o signo, pois esse movimento “equivale a barrar a adequação entre significante e significado” (LACOUE-LABARTHE, PHILIPPE; NANCY, 1991, p.152). Se essa inadequação é o que move o conjunto teórico do pensamento lacaniano, isso significa dizer que não se trata de tentar de simbolizar o impasse do Real a qual todo neurótico possui de objetivo, mas de compreendê-lo como estruturante e de natureza *impensável e traumático enquanto produtor da vida*. Essa deriva que carrega o Eu sem o mesmo ter controle algum e que é de caráter metonímico diz respeito ao fato de que “a pulsão de morte é o Real enquanto aquilo que só pode ser pensado como impossível” (LACAN, 1978h, S XXIII, p.142). Como dissemos, impossível de ser simbolizado enquanto limite da experiência humana e detentora desse princípio da experiência.

Entretanto, ainda não deixamos claro como o desejo surge no interior da subjetividade, pois apenas deixamos explícito o fato da dupla morte que constitui o sujeito e sua historicidade no Real deslocado da representação. Agora, precisamos nos atentar para a transição e o surgimento desse desejo, pois teremos que compreender como a necessidade se oculta em prol da instituição da linguagem a partir da demanda do Outro. Nesse sentido, Lacan deixa claro, em um de seus textos que

“Há então uma necessidade a isso que a particularidade assim abolida reaparece *além* da demanda. *Ela reaparece com efeito, mas conservando a estrutura que esconde o incondicionado da demanda de amor.* Para uma inversão que não é simples negação da negação, a potência da pura perda surge um resíduo de uma obliteração. Ao incondicionado da demanda, o desejo substitui a condição ‘absoluta’: essa condição desata essa prova de amor tendo de

rebelar a satisfação de uma necessidade. *É assim que o desejo não é nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro ao segundo, o fenômeno mesmo de seu corte (Spaltung)*”.

(LACAN, 2014h, p.169, grifos meus e do autor)

A partir dessa consideração chave de Lacan, vemos explicitamente como esse desejo surge. No início da vida do indivíduo, a partir da pulsão de morte como catalisador da alienação no interior do imaginário, a morte da Coisa e o significante primordial da Lei no simbólico, vemos que a necessidade biológica é, como o nosso autor coloca, *abolida*. Isso significa dizer que há uma transição entre natureza e cultura que transborda o campo do corpo despedaçado a partir de uma demanda de amor que possui um caráter simbólico. Nesse lugar do Outro, temos uma necessidade que é completamente suprimida e que reaparecerá além desse campo como um incondicionado que não estará preso ao campo dos significantes, mas atrelado a lógica metonímica da fala. É aí que o desejo do inconsciente aparece, sendo ele a subtração do ‘apetite de satisfação’ da necessidade menos a demanda do Outro. Nesse aspecto, o que vemos aqui é um resto que é do campo do impossível de ser simbolizado que é o *campo da negatividade*, isto é, o Real. É ele, em conjunto com a pulsão de morte, que apresentará essa clivagem, esse corte contraditório entre o desejo do sujeito em contradição com o Eu da consciência. Se o desejo do homem é o desejo do Outro, é porque essa contradição imanente e sua relação simbólica intersubjetiva é o que dá vida ao sujeito descentrado.

No entanto, apesar dessas considerações, há questões que não foram respondidas: se o sujeito lacaniano está colocado a partir de uma lógica de alienação imaginária e a contradição nomeada anteriormente, como é possível compreender esse regime de verdade do desejo no interior do Real e sua relação com a pulsão de morte? Se compreendemos que há uma dupla morte inscrita no interior da subjetividade e a pulsão de morte colocada como

motor desses processos, como poderemos entendê-la nesse campo fora da representação? Isso fica claro a partir dessa afirmação de Lacan:

“As pulsões são nossos mitos, disse Freud. Não se deve entender isso como uma remissão ao irreal. É *o real que elas mitificam, comumente, mitos: aqui, aquilo que produz o desejo, reproduzindo nele a relação do sujeito com o objeto perdido.*” (LACAN, 2014h, p.333, grifos meus)

Desse modo, o que podemos identificar é que a pulsão de morte tem o papel de transformar o campo da realidade fantasmática a partir da ótica do desejo enquanto produtora de sintoma e suas relações com o objeto perdido. Se Freud desde o *Três Ensaios da Teoria da Sexualidade* havia deixado claro que todo o encontro é, na realidade, um reencontro,¹⁴ é porque aquele objeto de desejo que aparece na transição do imaginário para o simbólico como “morte da Coisa” deixa rastros na maneira que o indivíduo lida com suas relações de objeto. Nesse sentido, Lacan segue Freud ao instituir que “a relação central de objeto, aquela que é *dinamicamente criadora, é a da falta*” (LACAN, 1978f, S V, p.51). A falta derivada do rompimento da criança com o seu primeiro objeto de desejo – a mãe – é o que determinará o interior das relações humanas no sentido de tentar preencher tal inadequação do Eu com o ambiente externo. No entanto, não é somente a mãe como objeto que estará colocada nessa dinâmica criadora da falta, mas o seu desejo como sendo aquilo que a criança quer satisfazer. Dessa forma, vemos então que a lógica estará centrada em ser ou não ser o falo, ou seja, se entendemos que o desejo da mãe estará colocado como sendo o falo, o qual é colocado como significante privilegiado, então podemos afirmar que “dessa marca onde a parte do logos se junta ao futuro do desejo” (LACAN, 2014h, p.170). Nesse sentido, tal noção não se trata especificamente do órgão sexual masculino enquanto poder do pai primordial freudiano, mas de uma dinâmica psíquica modulada a partir de um eixo fálico que organiza a relação da mãe com o bebê e sua

¹⁴ Sobre esse ponto, ver Freud (2016).

entrada no simbólico. Dessa forma, o Nome-do-Pai se trata da lei simbólica que institui a falta da castração, sendo o falo aquele significante do desejo que estará responsável por organizar a relação intersubjetiva que introduz a criança na linguagem. Esse vácuo constitutivo do sujeito terá a impossibilidade de inscrição como *privação* de seu objeto perdido e sua natureza traumática indexada em seu interior.¹⁵ No entanto, é preciso deixar claro que se a condição desse desejo é formulada a partir de uma inadequação, então isso quer dizer que ele mesmo não está atrelado a representação, *assim como seu objeto*. Isso fica claro a partir do momento que essa contradição do desejo com a realidade no processo metonímico da linguagem “*insiste em se reproduzir na transferência, sendo ela de um desejo morto*” (LACAN, 2014f, p.516, grifos meus). Essas relações de objeto apresentarão então uma agressividade inerente ao ser humano de cunho negativo. Como já ressaltamos, se a pulsão de morte atravessa os outros dois registros da experiência como negatividade que suporta a vida, isso não muda no campo do Real, pois “*a verdade desse desejo morto sustenta a história que o sujeito funda a partir do seu sintoma*” (LACAN, 2014f, idem, grifos meus). É então o sintoma, em sua manifestação, que revela a verdade do desejo que funda a clivagem do Eu mediante o impasse de simbolização do campo do impossível. Sendo assim, o automatismo da repetição que historiciza a cadeia significante e que está no campo do Real apresenta o fato de que a “pulsão de morte implica a vida, a mais vital que exista”, ou seja, “que isso se repete, que isso não cessa de se repetir, que não cessamos, enquanto vivemos, de falar, de simbolizar e de repetir sintomas” (NASIO, 2012, p.54). Dessa forma, o

¹⁵ “A posição metateórica do Real, então, *como uma ausência constitutiva estruturando a totalidade da metapsicologia de Lacan*, sangra decisivamente em seu papel no mundo da vida particular do sujeito como ele o concebe. Em ambos os casos, o 'Real' indexa *uma conjunção de necessidade e contingência, ligada indelevelmente ao sujeito como corpo, como conjunto de identificações imaginárias e como produto do significante*. Como necessidade, o Real define os contornos do escopo analítico de Lacan, sua abrangência conceitual e, dentro do mundo da vida do sujeito, estabelece o terreno para a *produção do sujeito e do sentido, incorporando (...) como o local da consistência do sujeito*. (...) No nível do sujeito, o Real, como contingência, opera da maneira topológica (...) *como o choque traumático que parece operar de um 'fora' do sujeito, mas que é, no entanto, fundamentado pela internalidade do significante para o sujeito*.” (EYERS, 2012, p.163, grifos meus e do autor)

movimento pulsional no Real é onde tudo ocorre e não está, como na nossa realidade, distorcido enquanto lógica fantasmática do existir. Além disso, esse sintoma que se repete e ex-siste no interior da vida nos mostra que todas as nossas perdas de objeto, enquanto luto e sofrimento que deve ser elaborado, “reatualizam a pulsão de morte”, pois ela “reatualiza o fato que somos seres sexuados e, ao mesmo tempo, mortais” (id.). O real e a sua relação com a pulsão de morte estarão então colocadas então como *fundantes da estrutura da linguagem enquanto processo metonímico e produtores de repetição incessante de sintomas*.

Em suma, vimos inicialmente esse monismo pulsional como sendo, do ponto de vista lacaniano, algo que habita o corpo despedaçado anterior a imago, estrutura e nega o imaginário, produz e historiciza o sujeito no simbólico enquanto campo da *significância* metonímica que escapa à linguagem e, por último, no campo do Real, temos então o automatismo da repetição produtora de sintomas. Além disso, pudemos perceber a transição da necessidade biológica para o par demanda de amor- desejo inconsciente enquanto mediados pela estrutura fálica. Como dissemos, esse significante do desejo apresenta a versão de uma mãe fálica, na qual a criança faz jus ao famoso ditado lacaniano de que o desejo do homem é o desejo do Outro. Tal ditado diz respeito ao fato de que “o desejo da mãe é o falo”, enquanto a “criança quer ser o falo para satisfazê-la” (LACAN, 2014h, p.171, grifos do autor). Nesse sentido, o falo estará sempre atrelado a dinâmica intersubjetiva, bem como a castração enquanto lei simbólica instituída pelo significante primordial do Nome-do-Pai, o qual estabelecerá, em conjunto com o falo, uma *falta* no interior das relações de objeto a partir da morte da Coisa, ou seja, a mãe. Se a lei do incesto é introduzida mediante esses processos e ocasiona essa morte, então percebemos que o neurótico possui duas mortes como processo de subjetivação, tendo então, após esse desenvolvimento, uma realidade dita fantasmática que marca a mesma como estrutura de ficção, a qual faz o ser humano sempre tentar reencontrar essa Coisa, isto é, esse

objeto perdido. Sendo assim, se esse objeto é aquilo que não podemos reinscrever no campo do simbólico, percebemos que “a realidade em si mesma não é nada mais que um bloqueio no processo de simbolização” (ZIZEK, 1992, p.37). Dessa maneira, as relações de objeto estarão centradas em uma lacuna que produz o *mal-estar* e que o neurótico tenta incansavelmente preencher-la, e é aqui que nossa reflexão a respeito da pulsão de morte em Lacan finaliza.

* * *

Referências

- BOOTHBY, R. *Freud as philosopher: Metapsychology after Lacan*. London: Psychology Press, 2001.
- BOOTHBY, R. *Death and Desire (RLE: Lacan): Psychoanalytic Theory in Lacan's Return to Freud*. London: Routledge, 2014.
- CASSIN, B. **Jacques, o Sofista: Lacan, logos e psicanálise**. São Paulo: Autêntica, 2017.
- DUNKER, C. I. L. Gênese e Estrutura do Conceito de Real. In: **Por que Lacan?** São Paulo: Zagodoni, 2016. p. 241–264.
- EYERS, T. *Lacan and the Concept of the 'Real'*. New York City: Springer, 2012.
- FREUD, S. Três Ensaios sobre A Teoria da Sexualidade. In: **Obras Completas: Três ensaios sobre A teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos:(1901-1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, S. **Além do Princípio do Prazer**. Autêntica Editora, 2020.
- LACAN, J. *Le mythe individuel du névrose ou 'poésie et vérité' dans la névrose*. Éditions d ed. Paris: Du Seuil, 1975.
- LACAN, J. *Le séminaire, Livre I. Les écrits techniques de Freud 1952-1953*. In: CHARLES MELMANN (Ed.) **Les séminaires de Jacques Lacan**. Paris: Association lacanienne internationale, 1978c.
- LACAN, J. *Le Séminaire, Livre II. Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse 1954-1955*. In: CHARLES MELMANN (Ed.) **Les**

séminaires de Jacques Lacan. Paris: Association lacanienne internationale, 1978b.

LACAN, J. *Le Séminaire, Livre III. Les PsychoSES 1955-1956.* In: MELMANN, C. (Ed.) **Les séminaires de Jacques Lacan.** Paris: Association lacanienne internationale, 1978d.

LACAN, J. *Le Séminaire, Livre IV. La relation d'objet 1956-1957.* In: MELMANN, C. (Ed.) **Les séminaires de Jacques Lacan.** Paris: Association lacanienne internationale, 1978g.

LACAN, J. *Le Séminaire, Livre V. Les formations de l'inconscient 1957-1958.* In: MELMANN, C. (Ed.) **Les séminaires de Jacques Lacan.** Paris: Association lacanienne internationale, 1978f.

LACAN, J. *Le Séminaire, Livre XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse 1963-1964.* In: MELMANN, C. (Ed.) **Les séminaires de Jacques Lacan.** Paris: Association lacanienne internationale, 1978e.

LACAN, J. *Le Séminaire, Livre XXIII. Le sinthome 1975-1976.* In: MELMANN, C. (Ed.) **Les séminaires de Jacques Lacan.** Paris: Association lacanienne internationale, 1978h.

LACAN, J. *Position de l'inconscient.* In: **Écrits 2.** Du Seuil ed. Paris: Points, 2014a. p. 309–330.

LACAN, J. *Agressivité en Psychanalyse.* In: **Écrits 1.** Du Seuil ed. Paris: Points, 2014b. p. 100–123.

LACAN, J. *Fonction et champ de la parole et du language.* In: **Écrits 1.** Du Seuil ed. Paris: Points, 2014c. p. 235–321.

LACAN, J. *Le Stage du Miroir comme formateur de la fonction du Je.* In: **Écrits.** Du Seuil ed. Paris: Points, 2014d. p. 92–99.

LACAN, J. *Subversion du sujet et dialectique du désir.* In: **Écrits 2.** Du Seuil ed. Paris: Points, 2014e. p. 273–308.

LACAN, J. *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud.* In: **Écrits 1.** Du Seuil ed. Paris: Points, 2014f. p. 490–526.

LACAN, J. *La Chose Freudienne.* In: **Écrits 1.** Du Seuil ed. Paris: Points, 2014g. p. 398–433.

LACAN, J. *La signification du phallus.* In: **Écrits 2.** Du Seuil ed. Paris: Points, 2014h. p. 163–174.

LACOUE-LABARTHE, PHILIPPE; NANCY, J.-L. **O título da letra.** São Paulo: Escuta, 1991.

MILLER, J. **Silet: os paradoxos da pulsão.** Zahar, 2005.

MUELLER, JOHN P.; RICHARDSON, W. J. **Lacan and language: A reader's guide to "Écrits."**. New York City: International Universities Press, 1994.

NASIO, J.-D. **Psicossomática: as formações do objeto a.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SAFATLE, V. **A paixão do negativo.** São Paulo: Unesp, 2006.

SAFATLE, V. **A teoria das pulsões como ontologia negativa.** Discurso, 2007.

SIMANKE, R. T. **Metapsicologia lacaniana: os anos de formação.** Curitiba: UFPR, 2002.

ZIZEK, S. **Looking Awry: An Introduction to Jacques Lacan Through Popular Culture.** American Journal of Sociology, 1992.

Recebido 21/12/2022

Aprovado 10/11/2022

Licença CC BY-NC 4.0

